



UFPB

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB - VIRTUAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENÁ EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

JOSILENE DOS ANJOS SANTOS

**AGRESSIVIDADE: REFLEXO E CONSEQUÊNCIAS NO
AMBIENTE ESCOLAR**

JOÃO PESSOA - PB

2013

JOSILENE DOS ANJOS SANTOS

**AGRESSIVIDADE: REFLEXO E CONSEQUÊNCIAS NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia apresentada à
coordenação do Curso de
Pedagogia - Modalidade a Distância
- da Universidade Aberta do Brasil
(UAB), Universidade Federal da
Paraíba (UFPB), como requisito para
a obtenção do título de pedagoga.

Orientadora: Prof^a. Ms. Danielle
Menezes de Oliveira

Área de concentração: Pedagogia

JOÃO PESSOA - PB

2013

S237a Santos, Josilene dos Anjos.

Agressividade: reflexo e consequências no ambiente escolar /
Josilene dos Anjos Santos. – João Pessoa: UFPB, 2013.

58f.

Orientador: Danielle Menezes de Oliveira
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Agressividade. 2. Escola. 3. Prática pedagógica. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.06 (043.2)

JOSILENE DOS ANJOS SANTOS

**AGRESSIVIDADE: REFLEXO E CONSEQUÊNCIAS NO AMBIENTE
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao corpo docente do Curso
de Pedagogia na Modalidade a
Distância promovido pela
Universidade Federal da Paraíba

Aprovada em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof^a. Ms. Danielle Menezes de Oliveira
(Orientadora)

Prof. José Amiraldo Alves da Silva
(Examinador)

DEDICATÓRIA

Ao meu bom DEUS, que me proporcionou essa conquista.

A minha mãe, M^a Auxiliadora (in memoriam), seus ensinamentos
estará para sempre marcado em mim.

Ao meu pai, José dos Anjos que sempre acreditou em nossa
capacidade de vencer através da educação.

Ao meu esposo, Raimundo Bernardo, amigo e companheiro de
todas as horas.

Ao meu filho, Vanielson Gonçalo, presente de Deus para mim.

As minhas irmãs, Joseane, Josivânia e Judite, incentivadoras dessa
conquista.

As sobrinhas e afilhadas Vanessa Kelly, Vitória e Julyanny.

As companheiras de trabalho e todos que amam a arte de ensinar.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a **Deus**, por ter me dado o dom da vida e a vontade de sempre querer aprender um pouco mais.

Aos meus pais, que na sua simplicidade e persistência acreditaram na realização desse sonho e foram meus primeiros mestres.

A minha inesquecível orientadora, **Danielle Menezes de Oliveira** por suas inúmeras e incansáveis orientações, apoio e confiança depositada em mim.

Ao querido Prof. **Jorge Fernando Hermida**, sempre bem humorado e apaixonado por educação, incentivador nessa conquista.

Aos meus **Mestres da UFPB Virtual, professores, tutores e coordenação**, pois sem eles a caminhada não seria completa.

Ao meu tutor presencial **Ismael Sousa Silva**, pelo estímulo e incentivo na construção da aprendizagem durante o percurso.

A **Coordenação do Polo de Apoio Presencial de Mari**, pelo acolhimento e responsabilidade no processo da aprendizagem, almejando o nosso sucesso.

A **diretora e professores** da Escola Nova Esperança (Mari-PB) que permitiu e partilhou na construção dos períodos de estágios.

A **diretora do Educandário Alegria de Saber**, que condicionou essa pesquisa empírica em seu estabelecimento educacional.

Aos colegas de turma: **Joseane, Clenilson, Ronaldo, Edvânia, Mirian, Josiellington, Gleyciane e Claudenise**, quantas alegrias e conquistas que partilhamos juntos.

Ao meu companheiro, amigo e esposo, **Raimundo Bernardo**, pelo apoio e pela torcida.

Ao meu filho, **Vanielson Gonçalo**, pela paciência e compreensão da minha ausência em alguns momentos ao seu lado.

As irmãs **Joseane, Josivânia e Judite** pela força e apoio.

Enfim, a todos que de alguma forma, contribuíram para a construção desse trabalho.

“Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso e pessoas fracassadas. O que existem são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.”

AUGUSTO CURY

RESUMO

O referente trabalho apresenta a discussão da agressividade infantil na sala de aula. Percebe-se que a agressividade escolar é proveniente de um problema exterior, onde geralmente está relacionado à falta de estrutura familiar, falta de compromisso e atenção dos membros da família, reprodução de atitudes negativas presenciadas no ambiente em que convive. A indisciplina e a agressividade têm sido hoje um grande desafio para o professor, pois encontra uma dificuldade do aluno obedecer às regras de convivência e limites no respeito mútuo. Essa pesquisa de campo, de cunho exploratório, tem como objetivo trazer reflexões sobre a problemática da agressividade infantil nas salas de aula, quais os tipos de agressividade mais frequentes na sala de aula e o que motiva esse comportamento agressivo nas crianças. Foi realizada uma revisão bibliográfica no intuito de entender através da psicanálise o que leva uma criança a ter comportamentos agressivos em sala de aula. Assim foi realizado um estudo de campo numa escola de rede privada com a finalidade de associar os estudos psicanalíticos às realidades de convivências sociais no ambiente escolar. No decorrer das observações foi efetivado aplicação de questionário para os professores e as crianças das turmas do 2º e 3º ano, onde percebemos que alguns tipos de agressividades são vistas pelas crianças como forma de brincadeiras, e que elas ignoram as consequências que esse comportamento reflete na vida do outro. Nesse sentido o estudo propõe uma parceria que se faz necessário entre família e equipe escolar de forma que assumam e contribuam com o seu verdadeiro papel no processo educativo. Conclui-se que a pesquisa possibilitou mediante os desafios da prática pedagógica, compreender melhor as motivações que aborda o comportamento agressivo das crianças no ambiente escolar, como forma de sociabilidade.

Palavras chave: Agressividade. Ambiente escolar. Prática pedagógica.

ABSTRACT

The paper presents a discussion concerning the child aggression in the classroom. It is noticed that the school aggressiveness is a problem from outside, where is usually related to lack of family structure, lack of commitment and attention of family members, playing witnessed negative attitudes to the environment in which lives. Indiscipline and aggressiveness have been a great challenge today for the teacher because the student finds a difficulty obeying the rules of coexistence and mutual respect boundaries. This field research of an exploratory nature, aims to bring reflections on the problem of child aggression in the classroom, what kinds of aggression more frequently in the classroom and what motivates this aggressive behavior in children. We conducted a literature review in order to understand through psychoanalysis which leads a child to have aggressive behavior in the classroom. So we conducted a field study in a private school network in order to associate the psychoanalytic studies to the realities of social cohabitation in the school environment. During the observations was effected a questionnaire for teachers and children of the classes of 2nd and 3rd year, where we realize that some types of aggressiveness are seen by children as a form of play, and they ignore the consequences of such behavior reflects the other's life. In this sense the study proposes a partnership is needed between family and school staff in order to assume and contribute their actual role in the educational process. It is concluded that the research enabled by the challenges of teaching practice, to better understand the motivations that addresses the aggressive behavior of children at school, as a form of sociability.

Keywords: Aggression. School environment. Pedagogical practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 APRESENTANDO CONCEITOS: UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
2.1 Agressividade	16
2.2 Motivação da reação agressiva e características gerais da agressividade	18
2.3 Tipos de comportamentos agressivos	20
3. AGRESSIVIDADE ESCOLAR: PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA.....	22
3.1 O ambiente escolar e o convívio com a agressividade	22
3.2 Escola e Família diagnóstico e intervenção nas cenas de agressões.....	24
3.3 Influência da Mídia na Agressividade	27
3.4 – Bullying: brincadeira violenta na escola	29
4 METODOLOGIA	33
4.1 Caracterização da pesquisa	33
4.2 Sujeitos da pesquisa.....	33
4.3 Campo Empírico	34
4.4 Procedimentos e Instrumentos da coleta de dados.....	35
5 ANÁLISE: COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA SALA DE AULA.....	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS:.....	48
APÊNDICES.....	52

1- INTRODUÇÃO

Sabe-se que a agressividade está presente em todas as espécies. Os animais, por exemplo, apresentam-na como forma de defesa ou de sobrevivência. Já no ser humano, ela pode se manifestar de forma positiva e negativa, dependendo da situação enfrentada. Nesse sentido, a agressividade é hoje uma das principais ansiedades da sociedade, uma vez que atinge a vida e a integridade física das pessoas, e é tida como meio de desenvolvimento humano que tem suas raízes na história. (MARCELOS, 2011).

No mesmo contexto, autores como Freud (1996) afirma que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, na pior das hipóteses, podem defender-se quando atacados. São, ao contrário, criaturas cujos dons instintivos incluem uma grande parcela de agressividade. Winnicott (1999) afirma que “de todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens”.

O comportamento agressivo, que causa preocupação no ambiente escolar, muitas vezes é decorrente de fatores externos, como: a separação dos pais, maus tratos dentro e fora de casa, drogas, violência verbal ou física e falta de orientação social, cultural ou política. É uma força que pode ser utilizada de forma construtiva ou destrutiva, geralmente ela instiga a pessoa a agir. Seguindo esse raciocínio, evidencia-se que a destruição e a construção são importantes no amadurecimento da criança. Winnicott (1999) destaca que o impulso construtivo relaciona-se à aceitação pessoal por parte da criança, num ambiente favorável, da responsabilidade pelo aspecto destrutivo da sua natureza. Segundo Freud (1930):

A agressividade é um fator de ameaça à cultura imposta pela sociedade por produzir um mal-estar nos seres humanos, porque obriga que renunciem às suas satisfações para o bem estar da própria sociedade.

A agressividade é uma ameaça que pode causar danos não apenas a personalidade do próprio ser, como também a terceiros ao provocar incômodo e atordoamento a outros seres humanos; nivelando assim um possível mal-estar no

meio social. Nesta visão, considera-se que a escola sendo um ambiente de múltiplas culturas esteja sujeita a viver estas inquietações em sua conjuntura educacional, cabendo envolvimento a todos os integrantes do sistema a fim de sanar ou apaziguar casos presentes na instituição.

Rufino (2006) fala das questões ligadas à agressividade, ressaltando que o trabalho não deve ser individual, mas feito pelos gestores, funcionários e professores, no intuito de discutirem e decidirem que posturas ou atitudes de preventivas tomarem frente a esses possíveis conflitos que acontecem nas relações escolares. Percebe-se, portanto, o quanto o tema agressividade tem estado presente no cotidiano da escola, chegando a assumir grandes dimensões e a envolver todos os que circundam esse ambiente.

Estudos dessa temática têm sido cada vez mais desenvolvidos diante da necessidade de se compreender os elementos envolvidos no comportamento agressivo das crianças, a fim de explicá-los, já que a agressividade na escola gera indisciplina e prejudica a aprendizagem em todos os sentidos.

Ormeño (2004), Silva e Del Prette (2003), Luízzi (2006) e Silva(2006) demonstram que uma das formas de mudar esse comportamento infantil é por meio de intervenções que salientam um modelo positivo, de respeito e relacionamento afetuoso com as crianças, contrapondo-se às maneiras de lidar com a agressão através de sanções ou punições de forma coercitiva no relacionamento professor-aluno.

Tendo em vista que a agressividade pode se manifestar por meio de diversas formas, objetiva-se nesse trabalho apresentar algumas reflexões relacionadas à temática, embasadas em pesquisas de teóricos como FREUD (1930), FANTE (2005) e FERRARIL (2006), a fim de responder questionamentos relacionados aos tipos de agressividades ocorridos em sala de aula nas séries iniciais, identificando através de observações e investigações, formas de hostilidade e algumas maneiras a partir das quais ela pode se manifestar.

No mesmo contexto, propõe-se ainda identificar algumas causas relacionadas às ações com tendência agressiva e/ou violentas, ocorridas em sala de aula, classificando-as e propondo mudanças que auxiliem na interação mais eficaz dos envolvidos com esses atos agressivos. Partindo dessa compreensão, a

base deste estudo busca compreender, dentre outro elementos, a importância do diálogo na interação social do ambiente escolar.

A importância desse trabalho de pesquisa foi associada à intrínseca relevância da escola e da família na formação comportamental e social da criança como um todo e especialmente ao fato de se constatar a presença marcante de comportamentos agressivos no ambiente escolar, local responsável pelas primeiras formações para o convívio social e para a atuação cidadã. Propõe-se, assim, diante dessa justificativa, compreender como a parceria entre alunos, família e equipe escolar em geral podem contribuir para transformar eficazmente o desafio relacionado à agressividade, como atos violentos em sala de aula, por exemplo, em atividades desafiadoras e motivadoras inerentes às crianças.

Nesse sentido, FREIRE (2005) diz que:

O nosso objetivo vai além de professores que ministram uma boa aula, uma aula que faça sucesso entre os alunos e ponto; trata-se de uma preparação para a vida, de dar a eles condições de tornarem-se cidadãos autônomos, oferecer conhecimentos que se incorporem à vida, possibilitando-os serem livres, decidindo de acordo com a sua própria consciência, ou seja, educar é mais que transmitir conteúdos, é ensinar a viver.

Partindo dessa perspectiva, compreendemos que o trabalho educativo nas séries iniciais precisa desenvolver a socialização das crianças, no aspecto afetivo, cognitivo e emocional, de modo que elas interajam com naturalidade diante das diversidades sociocultural, política e financeira, encontradas na escola e em outros ambientes.

Cabe ressaltar aqui que a escola é o lugar por excelência, submetido à transmissão de conhecimentos, de saberes, de competências, de normas e padrões comportamentais, por isso ela é responsável em desempenhar a função no processo de socialização e aprendizagem das crianças.

Não tem sido uma tarefa nada fácil, mediante as inúmeras mudanças que a sociedade globalizada propõe, que a família acata, e que tem refletido dentro da escola, implicando assim na necessidade da escola buscar práticas pedagógicas que dimensione essa problemática. Uma vez que indisciplina, agressividade e violência na sala de aula têm se tornado agravante, fugindo da perspectiva do professor quanto agente de mediação.

Nesse sentido, a referente pesquisa optou-se por realizar um projeto baseado na temática da agressividade, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, no Educandário Alegria de Saber, instituição privada, localizada no município de Guarabira - PB, tendo como público alvo alunos do 2º e 3º anos.

Diante disso, são apresentadas nessa pesquisa informações sistematicamente relevantes e que contribuirão para o entendimento do estudo desenvolvido em sua totalidade.

No primeiro momento, é apresentado um esclarecimento sobre o conceito de agressividade mediante o olhar de alguns pesquisadores que embasaram o estudo; falar-se-á, nesse aspecto, sobre o surgimento da agressividade, e de algumas características capazes de originar motivações no agressor para a prática de atitudes agressivas sobre a vítima.

Em seguida, é destacada a importância da escola na conscientização contra atitudes violentas e desnecessárias em qualquer que seja o ambiente; a necessidade de fortalecer parcerias entre a família e o ambiente educacional; o poder negativo de influência da mídia sobre a criança; e os diversos tipos de comportamentos agressivos inclusive o bullying. Em outro momento, são apresentados os procedimentos metodológicos que caracterizaram e embasaram a pesquisa. E, por fim, é feita uma análise fundamentalmente crítica acerca dos dados coletados, das entrevistas e depoimentos desenvolvidos em campo.

2 APRESENTANDO CONCEITOS: UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nos últimos anos as temáticas sobre agressividade e violência têm sido discutidas em diversos campos. Seja no campo social, psicanalítico, ou educativo a preocupação é a mesma: compreender certas ações que o humano tem em dinamizar agressões que provoca o outro através de temperamentos de intuito destrutivo ou por intencionalmente causar dano psíquico ou físico à outra pessoa. Para tanto, acredita-se que os conceitos são de suma importância para enraizar o assunto aqui abordado. No dicionário Aurélio, segundo Ferreira (2002), agressividade é:

1. Qualidade de agressivo. 2. Disposição para agredir. 3. Fig. Dinamismo, atividade. 4. Psic. Disposição para o desencadeamento de condutas hostis, destrutivas, fixada e alimentada pelo acúmulo de experiências frustradoras.

Assim, a agressividade de forma ampla é entendida como uma forma de prejudicar o outro intencionalmente, mais adiante a psicanálise explica a existência de um instinto¹ em causar danos ao outro.

Enquanto isso, no dicionário Aurélio, segundo Ferreira (2002), violência é: “S.f. 1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. Jur. Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação”.

Desta forma, salientamos que na contemporaneidade muitas pessoas apresentam características compatíveis as citadas acima, onde tais ações infelizmente não são efetivas apenas ao adulto, mas também a criança. Assim, condicionamos este espaço a entender o pensamento de estudiosos como FREUD (1930) e LACAN (1975) em relação ao conceito de agressividade e violência; para posteriormente entender sobre a agressividade infantil na escola, principalmente nas turmas de séries iniciais.

Freud (1916), define pulsão como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, destaca que todos nós somos movidos pela pulsão

¹ Forças de origem biológica inerentes ao homem e aos animais superiores, e que atuam, em geral, de modo inconsciente, mas com finalidade precisa, e independentemente de qualquer aprendizado. FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002 Disponível no Dicionário Aurélio - Século XXI

de vida (eros) e pela pulsão de morte (thanatos), que ficam localizadas entre o nosso corpo e o psicológico. Os mesmos são responsáveis pela evolução da agressividade e afetividade, a pulsão destrutiva age silenciosamente e só é percebida quando a mesma transcende para fora do ser. Isso acontece de forma destrutiva, ele afirma ainda que isso gera algumas doenças e a mortificação do corpo. Ele destaca também que o maior problema da civilização consiste na agressividade humana, por isso o homem, que é intrinsecamente mau e destrutivo, deve ser contido em seus desejos e forças civilizatórias.

A agressividade compõe o psiquismo e é manifestação da pulsão de morte, contraposta à pulsão sexual ambas exigindo um arranjo subjetivo entre o eu e o super eu, o qual tem que dar conta do circuito pulsional ao peso de ideais identificatórios da cultura. A cultura impõe restrições à agressividade, e a sexualidade é uma dessas barricadas contra os desejos de destruição, seja pensada em termos de fusão pulsional, se já como uma formação defensiva (FREUD, 1930, p.134).

Nesse sentido, percebemos que todos nós temos esse instinto de defesa, o que nos diverge dos animais irracionais é a participação humana e social que possibilita a compreensão desses códigos de linguagem.

Para Lacan (1953-54/1986, p.205) o ato existencial estaria ligado a uma relação imaginária e o ato agressivo ao limite. A agressividade estaria originária no “ato de desvencilhamento do outro, característico da alienação primordial do sujeito à linguagem” (LACAN, 1953-54/1986, p. 198).

Entende-se que na obra freudiana, o termo violência é utilizado no sentido comum, mas nos seus escritos sobre a agressividade concebe-se através dos estudos de Lacan que o cerne passou a ser conhecido como violência própria da linguagem (FERRARI, 2006).

O assunto agressividade nessa etimologia de conhecimento exige do assunto sutileza de detalhes por deparar com ambigüidades do eu/não-eu, prazer/desprazer, amor/ódio. Segundo Lacan (1948/1998), a violência é mais intimidação do que fato. A violência teria uma associação conforme Freud (1920 e 1930-29/1976), à pulsão de morte, pois ela ultrapassa o corpo e a capacidade de raciocínio psíquico, diferente da agressividade dirigida a alguém. Assim, a agressividade não deve ser entendida como violência, Lacan nos ajuda nessa compreensão quando partilha do pensamento que a violência está associada à pulsão de morte e a agressividade a relação constituinte do eu.

Assim, a violência e a agressividade se articulam de formas diferentes; a agressividade seria uma ação e a violência a reação. Para Freud, o homem se apresenta em seu meio como mau e destrutivo, sendo forçadamente contido pela vivência civilizatória. E a sociedade que gera é a sociedade que restringe, mesmo sabendo que jamais acabe.

Diante dos conceitos sobre a temática agressividade versus violência, Lacan aponta elementos que esclarece sua tese de forma sucinta quando descreve:

Em meio às diferenças, agressividade e violência têm algo em comum: tanto uma quanto a outra supõem algo de renúncia por parte do sujeito, uma vez que ambas supõe determinado tratamento que a civilização dá ao gozo da vida, ao gozo do vivente, àquele gozo que não é causado nem pelo significante nem por um objeto qualquer (Lacan, 1975/1988).

Percebemos que Lacan apresenta em certo momento uma homogeneidade entre violência e agressividade, mostrando que ambas exigem do sujeito renúncia do objeto significante; o que nem sempre acontece. Nesse sentido, Lacan trabalha o dualismo entre amor e ódio. Esse dualismo seria a coexistência de duas posições opostas, apresentada em amor e ódio.

Assim, o mesmo esclarece porque Freud dizia que o ódio é mais antigo que o amor. O amor está ligado ao sentimento de afeto, enquanto que o ódio é acompanhado do sentimento de paixão destrutiva. Essa diferença entre o pensamento de Lacan e Freud é notória no que se refere ao aniquilamento imaginário e outro simbólico, onde ora aparece como agressor e ora como sujeito pacificador, utilizando a teoria da linguagem como acesso à castração simbólica.

2.1 Agressividade

Desde o início da humanidade temos atos considerados agressivos e violentos relatados na Bíblia, depois nos livros de história da humanidade, na filosofia clássica, entre outros. Percebemos que a agressividade no contexto sócio-histórico tem se tornado cada dia mais presente e de forma alterada, refletindo falta de respeito ao ser humano. Segundo Briza e Claro (2005) são muitos os fatores responsáveis por desencadear os procedimentos agressivos, entre eles:

temperamentos difícil e impulsivo; falta de carinho; violência física ou emocional; ausência de limites ou tolerância excessiva dos pais; excesso de energia mal canalizada; necessidade de experimentar limites até reconhecer os próprios controles; não tolerar frustrações e deficiências físicas ou mentais ainda não descobertas (BRIZA E CLARO, 2005).

De acordo com Winnicott (1982), uma pessoa pode ter tendência para a agressividade, enquanto outra dificilmente demonstrará qualquer sintoma agressivo. Por isso, é de fundamental importância que a criança tenha oportunidade de expressar alguns de seus impulsos agressivos sem que seja punida, castigada ou menos amada por esse motivo.

Na década de 80, as entidades escolares não registravam fatos decorrentes de agressividades, pois apontar os fatos relacionados à indisciplina recaía sobre a direção escolar o termo de incompetência e fragilidade pedagógica. Só mais tarde o poder público resolve registrar as cenas de agressividades no ambiente escolar.

As ações agressivas em algum momento eram vistas como normais, por ser a escola um ambiente com inúmeras diversidades culturais; já em outros momentos eram ignoradas porque a agressividade não se apresentava com algumas características presentes hoje na sociedade atual. Na verdade não era registrado esse tipo de comportamento.

Algumas atitudes agressivas também podiam ser interpretadas como respostas aos comportamentos autoritários dos colegas ou professores e essas agressões eram refletidas através de depredações ao patrimônio escolar, pequenos furtos ou invasão da escola em período ocioso para deixar uma mensagem de represália.

A primeira pesquisa sobre a temática da agressividade no ambiente escolar dessa década foi realizada por Guimarães (1984) apresentando um quadro sugestivo ao contrariar hipóteses dominantes, em período que propunham ser a violência em meio escolar decorrência do controle e vigilância exercidos por professores e demais profissionais da escola.

Na década de 1990 ficou visível que os comportamentos agressivos estavam se destacando e desencadeando a violência, nesse aspecto surgiram estudos de natureza descritiva sobre a violência no contexto escolar ampliando ainda mais a temática. Guimarães (1995) afirma que esses trabalhos trouxeram

relações entre a violência e escola, apontando, principalmente, a influência do aumento da criminalidade e da insegurança sobre os alunos e a deterioração do clima escolar.

Essa sociedade moderna caracteriza esse tempo como um período de confronto em que a globalização está reduzindo a linguagem enquanto que a agressividade tem se transformado num fenômeno com discurso próprio diminuidor da objetividade, que é resguardada pelos direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA. Dele destacamos o Art. 18: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Podemos compreender a preocupação da lei que atenta de forma clara ao cuidado que se faz necessário a preservação da vida infantil, dando-lhe segurança, conforto e respeito, evitando atitudes agressivas, vergonhosas e que venham abominar a infância, causando danos na formação sociocultural do indivíduo. Assim, é necessário enfocar que:

Os estudos genéticos sobre agressão, realizados até o presente, permitem afirmar que a agressão em si não é herdada. O que se transmitem são os fatores que influenciam ou facilitam a agressão, como tamanho, força, atividade hormonal e os próprios limiares de ativação das estruturas cerebrais. (LEITE, 1987).

O que temos percebido é que na sociedade contemporânea, a violência tem se tornado algo tão previsível e constante no nosso meio, que deixamos de vê-la como um fato assustador. Então, temos encarado a violência como um elemento inerente à atualidade, o que não é verdade.

2.2 Motivação da reação agressiva e características gerais da agressividade

A agressividade pode ser pertinente ao meio em que convivemos. Geralmente o ambiente familiar é o maior incentivador desse comportamento, visto que a criança desde gerada no ventre participa desse grupo social que é a família, só mais tarde é que a mesma começa a participar de outros ambientes; daí torna-se comum assimilar os valores da sociedade, onde os meios de comunicação também têm causado influência.

Segundo Maldonado e Williams (2005), a agressividade contra a criança acontece dentro do próprio lar, onde ela é parte integrante da família. Mesmo assim, essa está exposta às agressões direta (quando ela é alvo da agressão) ou indireta (quando ela presencia cenas de agressividade ou violência entre os pais). Nesse aspecto, Brancalhone (2004) destaca:

[...] muitos fatores interferem no modo pelo qual a criança lida com a experiência de testemunhar a agressão da mãe, e algumas dessas crianças apresentarão problemas de ajustamento. Essa vulnerabilidade resulta de vários fatores, sendo importante considerar que a resposta da criança pode, em parte, resultar do seu temperamento, de sua capacidade intelectual, ou de outras qualidades intraindividuais que são mediadoras do grau de ajustamento a curto e longo prazos. A violência não ocorre isolada, ela é parte de uma constelação de outros fatores reconhecidos por afetarem o desenvolvimento da criança.

Sabemos que a agressividade não se manifesta apenas de forma física, a linguagem oral também pode expressá-la. Ambas estão presentes no ambiente escolar, onde se percebe que a forma verbal fere profundamente tanto quanto a agressão física, já que as palavras são capazes de atingir a autoestima da criança prejudicando o seu desenvolvimento psicológico e criando uma barreira de entrosamento entre os demais colegas. Essas atitudes são expostas através de:

[...] atitudes agressivas, uso do poder, intimidação de colegas e enfrentamento de professores e funcionários parecem não ter limites. Tudo isto contradiz os propósitos essenciais da escola de educar e socializar, trazendo prejuízos individuais e coletivos, além de instalar um clima de temor e distância entre aqueles que deveriam ser parceiros no processo educativo: o professor e o aluno, pais, enfim, a comunidade escolar. (FERNANDES e SOUZA, 2008, p. 1).

A observação de uma cena de agressividade ou violência estimula na criança o desejo de repetir o que viu. A presença de uma criança numa cena de agressividade pode alterar-lhe o comportamento, mesmo a criança sendo apenas observador. Enquanto, as crianças que têm motivação para praticar cenas de agressividade, expressa o que vê, mas deseja mudanças.

Sobre isso Locateli (2004) descreve:

[...] pode estar querendo receber atenção, ou chamar atenção para si; expressar sua dificuldade de adaptação, ou de compreensão do mundo em que vive, e das pessoas que a cercam; ser compreendida em sua maneira peculiar e simples de ser; expressar sentimentos de raiva legítimos por causas reais e imediatas; expressar sentimentos de raiva

legítimos por causas conhecidas ou não por nós, de fatos já acontecidos e não assimilados por ela, expressar sentimentos de insegurança, inferioridade, baixa autoestima.

As consequências derivadas do comportamento agressivo podem ser graves, por isso há a necessidade de observar, analisar e identificar a complexidade no contexto individual de cada criança em torno do comportamento agressivo. Esse contexto, geralmente, aponta para os problemas que gravitam em torno de si, elas podem ser vítimas de uma situação de risco como abuso sexual, violência doméstica, envolvimento com drogas, pobreza extrema, problemas de saúde, baixo nível de aprendizagem ou falta de estrutura familiar e social.

Muitas atitudes precisam ser analisadas e, para isso, é preciso compreender a inconstância que a sociedade vivencia. O ambiente desagregado afeta as crianças, inferindo fragilidade em sua conduta e possivelmente tornando-as agressivas; ou mesma se volta contra si, refletindo timidez, perturbação, roer unhas, puxa os próprios cabelos.

2.3 Tipos de comportamentos agressivos

Inerente ao ser humano a agressividade só será desenvolvida, se for permitido ou influenciado a praticá-la de acordo com a necessidade e mediante o amadurecimento do ser. Para Winnicott (2005), o instinto agressivo pode torna-se comportamento violento dependendo da forma como ocorrerão as primeiras relações do bebê com o ambiente familiar.

As crianças podem apresentar diferentes formas de comportamento, intencional ou não, porque elas são fragilizadas a todos os tipos de violência e agressão, daí essa conduta consegue variar de acordo com o gênero, grau e intensidade que podem surgir até mesmo no ambiente doméstico. Nesse sentido, alguns episódios de agressividade são registrados de forma intensa, partindo de agressões verbais, ameaças, intimidações e até agressões físicas.

Captando essas informações através da sondagem, visamos facilitar a elaboração de estratégias de prevenção. De acordo com Fernandes (2000):

[...] a agressividade esta alcançando grandes proporções dentro e fora da escola. Fortes questões como desemprego, moradia, fome, saúde e educação abalam a estrutura familiar refletindo no contexto escolar, pois a criança reproduz o que ela vivencia.

Quando a criança é envolvida com problemas e desafios que não são de sua responsabilidade, algumas vezes até responsabilizada pelo problema como: “só aguento isso por você”, “só não tive sucesso porque engravidei”, “essa criança não foi planejada, foi um acidente de percurso”, entre outros, reflete na criança um sentimento de repudia.

Segundo Marcelli (1988) ao nascer à criança, chora, grita, esse é o primeiro sinal da sua agressividade. Isso deixa evidente que a criança apresenta um comportamento agressivo mediante a situação em que ela se encontra, como foi tomada de forma violenta (processo do nascimento), ela reage como forma de defesa, sem intenção de violentar ou agredir ninguém.

Segundo Klein (1991) são os momentos durante as brincadeiras, que as crianças costumam expressar a sua agressividade em atitudes reveladoras. Por isso, se torna necessário que o adulto observe esse momento em que elas interagem de forma coletiva ou individual, refletindo seu mundo interno e sua fantasia infantil.

A criançada entra na sala eufórica. Você se acomoda na mesa enquanto espera que os alunos se sentem, retirem o material da mochila e se acalmem para a sala começar. Nesse meio tempo, um deles grita bem alto: “Ô, cabeção, passa o livro!”. O outro responde: “Peraí, espinha”. Em outro canto da sala, um garoto dá um tapinha “de leve” na nuca do colega. A menina toda produzida logo pela manhã ouve o cumprimento. “Fala metida!”. Ao lado dela, bem quietinha, outra garota escuta lá do fundo da sala: “Abre a boca, zumbi!” E a classe cai na risada (CAVALCANTE, 2004)

O ambiente escolar é favorável a inúmeras situações de divergências entre as crianças, principalmente quando as brincadeiras propiciam o desafio de ganhar e perder. São palavrões, tapas, empurrões, agressões verbais e físicas que permeiam os ganhadores e perdedores do desafio proposto.

Pensando em evitar conflitos piores, os adultos (professores e pais), chegam a proibir certas atitudes e comportamentos, mas como aponta Storr (1970, p 54) “é discutível que, ao fazerem isso, eles tenham maior probabilidade de criar o tipo de personalidade que estão preocupados em evitar.” Tal qual um maníaco compulsivo, agressor, bully (agressor), entre outros distúrbios que a psicanálise busca compreender e trabalhar.

3. AGRESSIVIDADE ESCOLAR: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

3.1 O ambiente escolar e o convívio com a agressividade

Quando falamos do crescente índice de comportamentos agressivos, particularmente no ambiente escolar, percebemos que essa preocupação hoje atinge a sociedade, justamente pela amplitude que esses comportamentos têm apontado no meio social. Segundo Santos (2004):

As crianças desde cedo são sujeitas a necessidade de sucessivamente ir se adaptando a instituições escolares diferentes, a ritmos escolares desadequados e um clima de constantes exigências, controle e concorrência.

É preciso atenção no que se trata o desenvolvimento infantil dentro do espaço escolar por ser um ambiente que surgem muitas interferências. Para Passos (2006):

A escola também é um importante espaço de formação da personalidade de comportamento das crianças. Nessa instituição, a criança se ajusta socialmente e se depara com inúmeros desafios. É na escola que a criança amplia sua rede de relações interpessoais.

Então, buscamos compreender o que tem fomentado esse comportamento no ambiente escolar, independente da opinião que cada um possa ter, o certo é que este problema não é recente, o que acontece hoje é que a escola é um grande palco de inúmeras diversidades, tensões, conflitos e agressões, isso é preocupante por ser o mesmo um ambiente favorável a interação, aprendizagens e aquisição de normas e valores, onde os alunos devem trabalhar a socialização, respeito, construção da personalidade e valorização da identidade própria de cada pessoa.

A criança participa ativamente no ambiente escolar, mas muitas vezes os professores não estão preparados para mediar conflitos que surgem de forma inesperada, levando-os a agir, às vezes de forma inconsciente. De acordo com Paula, Beber, Baggio e Petry (2006):

A aprendizagem infantil, no que tange ao processo escolar em geral, está intimamente relacionada ao desenvolvimento da criança, às figuras representativas desta aprendizagem (escola, professores), ambiente de aprendizagem formal, condições orgânicas, condições emocionais e estrutura familiar. Qualquer intercorrência em um ou mais destes fatores pode influenciar, direta ou indiretamente, o processo de aquisição da aprendizagem.

Nesse sentido percebemos que a escola apresenta-se de forma despreparada, com um contexto voltado aos alunos no sentido de disciplinar, obter regras e normas desconsiderando o contexto sócio-cultural onde sejam utilizadas as áreas cognitivas, afetivas, através de atividades cooperativas, que amplie reflexão e autonomia, de forma criativa e dinâmica.

Muitas vezes, o ambiente escolar é motivador da competitividade, utilizando metodologia que não promove o diálogo, subestima a identidade da criança, generaliza, rótula, banaliza, repreende, ignora, desconhece, nega e oculta às situações em que as atitudes agressivas se fazem presentes.

Porém, devemos compreender que “(...) a escola é um espaço cultural complexo constituído por redes de relações interpessoais de múltiplos protagonistas (...)” e que engloba processos complexos no âmbito do desenvolvimento da personalidade dos alunos (Abreu,1998).

De fato, falar sobre a agressividade no ambiente escolar nos faz avaliar as metodologias abusivas utilizadas por professores com alunos que contrariam as regras como: o movimento circular na sala de aula, mexer no material escolar sem necessidade, jogar objetos no chão, entre outros.

Essa forma de disciplinar através de ordens à criança, como: ficar sentado longe de todos, impedir de ir ao banheiro, ameaçar contar aos pais sobre seu comportamento, gritar, xingar, rotular, entre outras atitudes, podem ser identificadas como agressividade simbólica, onde o professor utiliza de forma sistemática o poder que tem sobre as crianças. Para Ballone e Moura (2008):

Erram alguns professores menos avisados, ao considerar que todas as crianças devessem sentir e reagir da mesma maneira aos estímulos e às situações ou, que é pior, acreditar que submentendo indistintamente todos os alunos às mais diversas situações, quaisquer dificuldades adaptativas, sensibilidades afetivas, traços de retraimento e introversão se corrigiriam diante desses “desafios” ou diante da possibilidade do ridículo. Na realidade podem piorar muito o sentimento de inferioridade a ponto da criança não mais querer freqüentar aquela classe ou, em caso mais graves, não querer ir mais a escola.

As crianças podem apresentar sentimentos de culpa ou raiva, ocasionada pela vergonha, humilhação e às vezes até injustiça, nem sempre os culpados são os que são punidos, alguns aprontam e ainda acusa o outro que podem ser penalizado sem merecer.

É importante destacar que nesse sentido os alunos vêem a escola como um ambiente constrangedor, repleto de medo, frustrações, isso pode refletir na distração por parte dos alunos em sala de aula ou atitudes agressivas que são estratégias de autodefesa da criança para com o ambiente que muitas vezes se apresenta hostil.

3.2 Escola e família: diagnóstico e intervenção nas cenas de agressões

O ambiente escolar contribui de forma significativa no processo de interação, quando oferece ao aluno condições de trabalhar a socialização com habilidades que partilhe diálogo e interatividade. Portanto, tem sido um grande desafio para todos os envolvidos no ambiente escolar interagir com alunos que apresentam certo nível acentuado de conflitos. Diante dessa situação, detectamos crianças agressivas, violentas, insatisfeitas e revoltadas; no outro ângulo temos professores desmotivados, despreparados, temerosos e com saúde física e emocional bem comprometida.

Quando a escola não está preparada para lidar com a agressividade das crianças na sala de aula, o ambiente que deveria ser construtor de aprendizagens passa a ser um lugar propício a temperamentos indesejados. Se na escola ocorre uma cena em que a criança é rejeitada ou agredida e a escola não trabalha uma proposta de acolhimento, a criança vitimada poderá reutilizar de agressão a outras crianças, assim aumentando o índice de agressão escolar.

Os professores, na maioria das vezes, ignoram as reclamações das crianças relacionadas aos comportamentos agressivos verbais, já que é muito rotineiro na sala de aula, chegando às vezes a causar irritação nas professoras que reagem também com gritos. No entanto, quando ocorre agressividade física com espancamentos é que a professora procura averiguar. Podemos constatar que há muito que se aprender no que se refere a conviver harmoniosamente. Nesse aspecto, Caminha (2007) afirma:

Aprender a conviver não significa simplesmente adquirir regras de convivência e, deste modo, ser absorvido pelas estruturas normativas da sociedade. A convivência, enquanto saber, que nos permite construir uma familiaridade com o outro, exige o exercício da capacidade de agir como sujeito de ações morais, que, necessariamente, nos obriga a dignidade do outro.

O convívio harmonioso está relacionado acima de tudo ao desejo de aceitação e compreensão do outro com suas características diferentes, porém necessária para o desenvolvimento coletivo, as regras de convivência algumas vezes determina uma normativa obrigatória e sem valor significativo para o outro, mas que deve ser respeitada.

O professor capacitado busca estratégias que gerencie o contexto de harmonia, diálogo e interação social, propondo caminhos satisfatórios de entendimento à ordem coletiva, mas percebemos que, às vezes ocorrem desentendimentos e indiferenças por parte de alguma criança reagindo com atitudes agressivas; a outra por sua vez, nem sempre aceita a situação de ter sido machucada e revida o ato agressivo gerando assim um conflito na sala de aula.

Nesse processo conflitante, cabe ao professor a missão de estabelecer um diálogo que expresse o entendimento entre as crianças, explorando as regras de convivência estabelecida para o convívio social, bem como os sentimentos necessários para a harmonia no ambiente escolar. A criança agredida não aceita que o agressor receba apenas uma correção verbal por parte do professor, para a criança agredida o agressor não foi penalizado ou punido, e por isso eles procuram fazer justiça a seu modo que é revidar na mesma moeda, ou seja, com agressividade.

É importante que o professor conheça os fenômenos que permeiam a sua relação com a criança e não reaja às provocações desta de maneira indesejável. O processo de identificação da criança com o professor é importante tanto para a aprendizagem quanto para o desenvolvimento da sua personalidade. (GOULART,2000).

A observação do professor aos seus alunos é importante e necessário para analisar o comportamento e a interação de cada um, compreendendo que as características e atitudes são decorrentes de inúmeras mudanças de acordo com as situações vivenciadas no ambiente em que ela convive. O professor ao buscar entender a identidade da criança é possível atender as necessidades e ainda promover oportunidade construtiva no processo de desenvolvimento emocional, cognitiva, afetiva, moral e social.

No ambiente escolar a criança deve encontrar caminhos que promovam possibilidades de aprendizagem, desenvolvendo a socialização, com segurança, responsabilidade e exercitando as habilidades sociais, individuais que são acarretadas de acordo com a educação familiar de cada pessoa. A agressividade é inconvergente a aprendizagem, pois quando as atitudes agressivas extrapolam os limites o desenvolvimento da aprendizagem sofre os prejuízos.

O ambiente familiar deve ser o berço, base, coluna que fortalece o desenvolvimento da criança para uma vida adulta equilibrada. No entanto, a desestruturação familiar, falta de diálogo, de respeito e de amor entre os membros da família, cenas de agressividades e violências no ambiente familiar, entre outras atitudes são hoje motivação para que a agressividade infantil aflore nos ambiente escolar.

Patterson (1982), fala sobre a agressividade no ambiente familiar e relata:

As famílias que não há demonstrações de aprovação e afeto, as crianças são extremamente agressivas. Também os ambientes familiares coercivos, com punições, ameaças, provocações entre os membros familiares, contribuem para o desenvolvimento da agressividade nas crianças.

A sociedade moderna impõe aos adultos a necessidade de conciliar muitas atividades diárias, isto acaba favorecendo uma vida corrida e estressante; decorrendo falta de acompanhamento aos filhos nas atividades escolares e sociais das mesmas, discussões e briga entre os membros da família falta de estímulo, palavrões, entre outras atitudes. A falta de participação elencada acima tem sido um dos motivos na qual a família tem ignorado os reflexos ocorridos no ambiente escolar relacionados a agressividade.

Lisboa (2006) afirma:

Eis como você cria uma criança violenta: ignore-a, humilhe-a e provoque-a. Grite um bocado. Mostre sua desaprovação a tudo o que ela fizer. Encoraje-a a brigar com irmãos e irmãs. Brigue bastante, especialmente no sentido físico, com seu parceiro conjugal na frente da criança. Bata-lhe bastante. Eu adicionaria: ameace-a, castigue-a, engane-a, minta-lhe, seja permissivo, ensine-a que o mundo é dos 'vivos', vangloriando-se diante dela de atos dos quais deveria se envergonhar (...)

A criança vê na família um modelo a ser obedecido, são os valores morais e sociais que mais se destacam nesse sentido de aceitação. O desenvolvimento cognitivo da criança é explorado mediante as experiências desenvolvidas de

forma socializadora, progressiva, envolvendo os significados das leis, obrigações e regras de convivência.

Evidente que a criança tem dificuldade em acatar regras, por isso muitas vezes perde o controle nas suas demonstrações emocionais, assim pode refletir gestos agressivos, muitas vezes frutos do ambiente coercivo e a falta de afetividade dos membros familiares com quem a mesma convive. Proporcionar um melhor desenvolvimento de condutas morais favorecerá a criança sentimentos de afabilidade.

3.3 Influência da mídia na agressividade

A cada dia pais e educadores enfrentam o desafio cada vez maior na tarefa de educar, e uma das maiores dificuldades encontrada nessa sociedade moderna e globalizada são refletidas no grande número de crianças agressivas, arrogantes, insatisfeitos, preconceituosos e imaturos emocionalmente. Isso ocorre porque a criança tem sido refém das comunicações de massa.

A televisão tem um efeito narcotizante sobre os telespectadores de toda idade, principalmente sobre a criança, Campos (1985) comenta: Informados sobre todo tipo de acontecimento e presenciando todo tipo de violência, os telespectadores acabam ficando anestesiados e passivos em relação aos fatos em geral, especialmente os que envolvem violência.

Sabemos que os meios de comunicação de massa (rádio, televisão, internet, celular,) facilitam a vida social na qual a sociedade moderna vive de forma atenuada e atualizada. Esse acesso aos meios de comunicação é uma característica muito presente também na geração infantil, as crianças já nascem na era da globalização, período em que favorece a aprendizagem e que ao mesmo tempo contradiz com a socialização.

As crianças geralmente buscam trabalhar de forma isolada os meios de comunicação (celular, TV, internet) por eles escolhidos como prioridade, e que tem preocupado alguns pais e professores que reconhecem que a mídia tem uma forte influência de impor valores que contradiz aspectos relacionados à educação das crianças.

A mídia, porém precisa de acontecimentos marcantes, e a agressividade é o acontecimento marcante nos diversos tipos de programas televisivos como: telejornais, filmes, novelas, desenhos animados e programas infantis, embora causando indignação na sociedade, fica evidenciado que essas ações influenciam o comportamento das crianças. Em sua fase de formação conceitual, a criança tende imitar os que lhes cercam, como: pais, professores e super heróis de sua imaginação. Se a criança passa muito tempo em contato com as mídias ela deixa de assimilar e agregar outros conhecimentos e experiências adquirindo informações projetadas pelas mídias de forma correta a ser seguida, pois a criança não consegue discernir o que é certo e errado.

Sobre essas atitudes Dulce Vieira (1981) afirma:

No que diz respeito à violência, sabemos que as histórias em quadrinhos, a televisão e a literatura policial podem levar ao mundo da criança imagens que podem chegar a requintes de perversidade. [...] a apresentação de conteúdos violentos em histórias em quadrinhos ou em desenhos animados é suficiente para modelar um comportamento agressivo na maioria das crianças.

Muitas vezes, os adultos nem percebem as cenas de agressividade e violência apresentada nos desenhos animados, ou acham normal ver um personagem dando tapas, chutes, socos, jogar objetos, utilizar armas como espada, revólver, bomba e até matar o adversário. Por outras vezes, esses sobrevivem, ressuscitam de forma inexplicável a tanta violência. Os heróis dos filmes e desenhos animados indicados como violentos demonstram de forma implícita que tais atitudes são em defesa de valores sociais, por isso até mesmo os adultos algumas vezes compreendem essa atitude e aceitam como condição adequada para resolver os problemas diários da sociedade.

De forma divertida as crianças observam essas agressões causadas e sofridas pelos personagens, e elas reproduzem de forma insensível essas ações agressivas no ambiente escolar, Dulce Vieira (1981) relata:

As crianças submetidas a esse tipo de influência demonstram uma tolerância cada vez maior ao observarem atos de agressão, não só nos meios de comunicação como também na vida real. Dessa forma, desenvolve-se nela uma apatia agressiva e até mesmo uma certa complacência em relação ao crime e a violência.

A escola observa que a família incentiva as crianças assistirem tudo o que aparece na TV, na ilusão de que tudo o que prender a atenção da criança é

válido, útil e proveitoso, não atentam para o grande perigo em que há na utilização das mídias, até mesmo num simples jogo de vídeo game, onde a criança para ganhar a partida precisa, agredir, eliminar, explodir alguém. A luta para sobreviver e subir ao topo, são algumas das propostas utilizadas pelo jogo, que vicia e cria na mente infantil o desejo de reproduzir a cena no ambiente em que convive.

Precisamos compreender a importância que a mídia tem sobre o desenvolvimento das crianças, ela pode ser utilizada de forma positiva na construção da aprendizagem da criança, porém o que falta é a capacitação e monitoramento de um adulto, trabalhando na formação da identidade das crianças. A observação de forma responsável pode minimizar os efeitos dos valores, ações, atitudes, reações e promoções que os meios de comunicações têm veiculado e desativado nas crianças atitudes éticas e afetivas.

Explicar para as crianças o que é certo e errado é responsabilidade dos adultos (pais e professores), e não de programas, jogos e brincadeiras transmitidas pelos meios de comunicação, porém com atitudes do convívio diário, certamente os efeitos da agressividade vai sendo extinta como forma apaziguar a influência da mídia às crianças. Nesse sentido, Maués (2000) ressalta, “que se transformarem os conteúdos em discussões e questionamentos, farão uso dos programas de uma forma educativa”

Existem benefícios apresentados através dos meios de comunicação quando os programas (educativos) são previamente selecionados para as crianças, entre eles: desenvolvimento comunicativo, visual, cognitivo e criatividade. Por isso, é importante o adulto fazer orientação e selecionar os programas, jogos e brincadeira em que a criança deve assistir e participar de forma que a informação adquirida possa ser interessante para a criança sem que lhe traga prejuízos futuros.

3.4 – Bullying: brincadeira violenta na escola

É evidente e preocupante a presença de atos agressivos no ambiente escolar, isso tem sido motivo de reflexões na nossa prática diária como professor. No contexto atual de sala de aula, o mesmo pode ficar assustado sem saber

como abordar e lidar com o comportamento agressivo que tem refletido na personalidade da criança e no ambiente escolar.

Mediante essa realidade e levando-se em conta que a escola é um espaço / tempo social e educacional, é imprescindível que os professores estejam atentos e preparados para transformar o ambiente escolar num lugar de relacionamentos harmonioso, saudável e alegre. Proporcionando prazer, aprendizagens e estímulo a criança, e levando-os a ser ator principal na disseminação da paz.

O Bullying exprime o desejo consciente, intencional e deliberado de maltratar a outra pessoa com atitudes repetitivas de agressões e que ridicularize o outro. Essa violência pode ser física, sexual ou psicológica, exercida através de (usando) força ou coação muitas das vezes deixando sequelas e causando até a morte. A violência psicológica pode causar o transtorno mental e/ou comportamento destrutivo. Já na violência sexual, além de haver uma agressão física quando é consumada também deixa marcas na personalidade da criança que envolve a falta de interesse no contato social, falta de confiança e até um silêncio que fere, machuca e desvincula o convívio com outros.

O bullying não é algo novo que surgiu com a globalização, o que há de novo e assustador é o fato de que essa violência tem crescido no ambiente escolar, e se apresenta em uma realidade ampla. E, infelizmente a escola não se encontra preparada em detectar e combater tal problema. Percebe-se que a mesma não dispõe de planejamento que viabilize uma socialização satisfatória. Estamos vivenciando um período de inversões de compromissos, valores éticos, morais, condições subumanas, violência física, sexual, exclusão, preconceitos, entre outros. A escola, sendo um lugar que atende a todos os grupos sociais, engloba todos os problemas dos envolvidos no sistema, e acaba se tornando um ambiente extremamente cuidadoso.

Mediante as inúmeras definições, terminologias e tipos de violência, o bullying na escola está relacionado ao abuso físico e psicológico contra alguém que não é capaz de se defender. É a forma mais preocupante de violência entre os alunos, pois as agressões do bullying, segundo PERREIRA (2009):

(...) Não deve ser confundidas com agressões corriqueiras, casuais, pois aquelas se caracterizam pela intenção de magoar e causar danos, e pela sua repetição contra um mesmo alvo, causando-lhe sérios transtornos físicos, cognitivos e psicológicos, sendo este último tipo o mais grave (...). O termo bullying é uma palavra de origem inglesa que serve para identificar o fenômeno de agressão e de vitimização entre pares, em nível internacional. É descrita como abuso sistemático de poder pois são comportamento agressivos exercidos por um ou mais indivíduos sobre outros e identifica-se pela intencionalidade de magoar alguém.

A autora relata que o bullying acontece em todas as escolas, embora nem todas tenham consciência de sua existência, considerando o problema como “indisciplina” ou brincadeiras típicas da idade da criança. A falta de conhecimento faz com que a escola ainda dê pouca importância ao assunto ou até mesmo desconheça tal fenômeno.

Em suas diversas formas de manifestação o bullying está presente em todas as esferas, inclusive na escola, sendo muito difundida pela mídia (internet, televisão, cinema, desenhos animados e até mesmo jogos eletrônicos). E infelizmente, alguns atos violentos se tornaram tão corriqueiros que já se banalizaram. Percebe-se que as inversões de valores têm contribuído para o aumento da agressividade gerando medo tanto fora, quanto dentro do ambiente escolar.

Para a autora (PEREIRA, 2009) esse comportamento agressivo é cruel, tem como objetivo transformar as vítimas em “objetos de diversão e prazer,” mascarando seus verdadeiros objetivos, que são humilhar e intimidar.

Hoje, o Bullying é um desafio mundial que ocorre no ambiente escolar independente da escola ser privada ou pública, e até mesmo nas séries iniciais tem atitudes relacionadas ao Bullying; o que tem preocupado e sido motivo de estudos e pesquisas. Tal atitude tem crescido quando se relaciona às agressões de crianças e adolescentes partindo do ambiente escolar por ser um local oportuno a muitos grupos. A interação social e construtivista já não é tão comum, muitas vezes a violência era despercebida ou sem tanta significação, porém a forma com que ela vem crescendo deve ser preocupação não somente da escola, mas também da família. E as crianças estão mais vulneráveis a esses tipos de violências por serem vítimas que não apresentam fortalecimento e condições psicológicas formadas para obter sua defesa. O mais coerente é denunciar

para algum adulto de confiança. O diálogo é sempre a porta para a resolução de inúmeros tipos de agressões, muito visível na escola até de forma verbal através de apelidos, chacotas, palavrões, mensagens enviadas através de bilhetes escritos ou virtuais, provocações com situações ridículas, e outros.

É necessário também compreender que nem toda violência ocorrida na escola deve ser considerada Bullying, uma vez que para ser caracterizada como Bullying a violência deve ter fundamentação numa agressão psicológica, moral ou com o desejo de ferir, intimidar, ofender, seja repetitiva, deixe marcas, consequências ou sequelas para a vítima. Por isso é importante a observação dos fatos, na verdade acidentes acontecem. “Não vamos descrever sobre a violência de forma geral, é preciso compreender que o Bullying se apresenta de forma diferente dos demais tipos de violência.” (FANTE 2005).

As brigas, desavenças e acidentes ocorridos de forma desastrada ou acidentalmente não deve ser confundida com o bullying, pois elas acontecem e acabam sem causar transtornos. Enquanto que o bullying permanece e suas características são divergentes, tem características próprias e acontecem de forma planejada, repetitivas e mesmo sem haver violência física pode causar marcas profundas e algumas vezes irreparáveis.

A Lei maior do país designa a igualdade perante a lei, a proibição da tortura e do tratamento desumano; consagra a prioridade do atendimento às crianças e os adolescentes para colocá-los a salvo de toda a forma de violência, crueldade e opressão. Como uma forma de reafirmação da Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente assegura em seu art 15 “[...] direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais” (BRASIL, 1998).

Nos artigos 16, 17 e 18 o Estatuto da Criança e do Adolescente descrevem o que significa o direito à liberdade e ao respeito. No que tange ao respeito, o documento cita a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, a preservação da imagem, dentre outros. Declara ainda que zelar por esses direitos é dever de todos para que a criança ou adolescente não seja alvo de qualquer tratamento desumano, violento ou constrangedor.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa empírica, de cunho exploratório, pois o trabalho está relacionado ao contexto educacional, foi utilizada abordagem qualitativa, com a técnica de observação participante, por compreendermos que através dela encontraremos subsídios para investigar os motivos e tipos de comportamentos agressivos que ocorrem nas salas de aula de séries iniciais.

De acordo com CHIZZOTTI (1991), a pesquisa qualitativa investiga o homem e o contexto em que vive. Por isso é importante que o investigador tenha ética no ato da pesquisa e recorra à observação e reflexão dos fatos para poder contribuir com novos significados.

Para DEMO (1991), o cientista em sua tarefa de descobrir e criar necessita num primeiro momento, questionar. Portanto, assim ocorre também com o pesquisador, ele deve trabalhar o questionamento, refletindo, criticando até encontrar os caminhos que o trabalho empírico lhe proporciona, através de descobertas e revelações.

Ficar atento as mensagens obtidas através dos gestos e posturas faz da linguagem corporal um registro necessário na interpretação explícita, isso só pode ser percebido quando o investigador consegue captar as mensagens não comunicadas com habilidade e técnicas de condução responsável, como: coletas dos dados, registros escritos, fotográficos, interpretação coerente com a pesquisa de estudo para que seja possível limitar ou definir os objetivos almejados.

4.2 Sujeitos da pesquisa

Os participantes foram 92 alunos e 04 professoras do Educandário Alegria de Saber. Os professores serão identificados como: Professora A, Professora B, Professora C e Professora D. Das quatro professoras observadas, três tem Pedagogia, outra está cursando. Dos 92 alunos envolvidos na pesquisa 47 são meninos e 45 são meninas, com faixa etária entre 07 e 09 anos. Para compreender melhor essa estrutura observe o quadro 1.

Codinome do professor	Turno	Turma	Quantidade de alunos	Faixa etária	sexo	
					M	F
Professora A	Manhã	2º ano	22	07 anos	10	12
Professora B	Tarde	3º ano	23	08 anos	13	10
Professora C	Manhã	2º ano	19	07 anos	9	10
Professora D	Tarde	3º ano	28	08 e 09 anos	15	13

Quadro 1: A tabela abaixo aponta características importantes dessa pesquisa:

Fonte: Educandário Alegria de Saber. (Dados referentes ao ano de 2013).

4.3 Campo empírico

O lócus dessa pesquisa foi o Educandário Alegria de Saber, instituição privada, fundada no dia 06 de fevereiro de 1997. O nome da escola foi escolhido em homenagem aos livros didáticos “Alegria de Saber”, que a gestora utilizava nos seus estudos quando criança, a princípio a instituição funcionava apenas com uma turma de Pré escola.

Hoje ela possui uma área bem extensa, sua estrutura física está contemplando doze salas de aulas, seis banheiros, uma cantina, uma sala de leitura, uma sala de almoxarifado, uma sala da direção, uma secretária, uma quadra de esporte, uma extensa área descoberta para recreação e parque de diversões.

Com o CNPJ 02.147.554 / 0001- 41, a instituição é regulamentada para exercer os serviços educacionais cujo processo e de Nº 0005787-0/2008 e o parecer 250/2008, expedida pelo Conselho Estadual de Educação do Estado da Paraíba.

Quanto os equipamentos de apoio pedagógico, o Educandário possui dois computadores, cinco televisões, um micro system, cinco aparelhos de DVD, quatro impressoras com bulk ink, uma caixa de som amplificada.

O mobiliário é conservado, adaptável à faixa etária das crianças. O prédio é próprio, um ambiente de primeiro andar, com rampa de acessibilidade na maioria dos espaços, as salas são amplas e arejadas, a escola já atendeu criança cadeirante e houve uma preocupação da direção no sentido de viabilizar o acesso

da mesma no ambiente escolar, proporcionando conforto e estabilidade enquanto esteve partilhando do ambiente.

Para melhor compreender a estrutura do Educandário, observe o quadro 2 que apresenta turmas, turnos e quantidade de alunos do ano letivo de 2013.

TURMAS	TURNOS	QUANTIDADE
Maternalzinho	Manhã	07
Maternalzinho	Tarde	08
Maternal	Manhã	27
Maternal “A”	Tarde	24
Maternal “B”	Tarde	13
Pre I	Manhã	28
Pre I	Tarde	33
Pre II	Manhã	24
Pre II	Tarde	26
1º Ano	Manhã	19
1º Ano “A”	Tarde	22
1º Ano “B”	Tarde	21
2º Ano	Manhã	22
2º Ano	Tarde	23
3º Ano	Manhã	19
3º Ano	Tarde	28
4º Ano	Manhã	21
4º Ano	Tarde	20
5º Ano	Manhã	17
5º Ano	Tarde	23
TOTAL		425

Quadro 2: Turmas, turnos e quantidades de alunos.

Fonte: Educandário Alegria de Saber. (Dados referentes ao ano de 2013).

4.4 Procedimentos e instrumentos da coleta de dados

Mediante a pesquisa de campo, foi necessário utilizar uma observação atenciosa da rotina escolar das crianças tendo por finalidade ampliar a compreensão sobre a convivência harmoniosa no ambiente socioeducativo, e também enriquecer a pesquisa que almeja subsídio para o estudo sobre comportamentos agressivos.

A observação foi realizada em momento e ambientes diversos: hora da chegada, saída, intervalo do recreio, aula de educação física e atividades na sala de aula. Os procedimentos utilizados para a coleta de dados aconteceram por etapas:

1ª Etapa: Foi realizada a observação detalhada do espaço físico da escola, das atividades realizadas dentro e fora da sala de aula, das formas de brincadeiras, linguagem utilizada pelas crianças, utilização das regras de convivência, envolvimento e presença da família no espaço escolar, a proposta de aprendizagem, o diálogo e a ludicidade realizada pela professora.

No decorrer das observações era captado registro escrito e de imagens no intuito de apresentar as cenas importantes para estruturar os estudos de pesquisa.

2ª Etapa: Está dimensionada na contemplação dos questionários aplicados para os alunos e professoras através de questões objetivas, respondidas de forma individual.

5 ANÁLISE: COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA SALA DE AULA

Esse capítulo aborda os resultados e análise dos dados obtidos na pesquisa de campo realizada no Educandário Alegria de Saber. Onde foram realizadas as observações durante as atividades diárias em momentos diferentes, também a aplicação de um questionário para as quatro professoras, e as noventa e duas crianças participantes. Não houve nenhuma dificuldade na realização dessa pesquisa empírica, todos os participantes colaboraram de forma direta ou indireta com o resultado da mesma.

Para ilustrar as formas de análises das questões abertas, realizadas através do questionário aplicado às crianças, apresentam-se o quadro 1 e 2 que têm como objetivo apresentar a realidade das turmas observadas a cerca dos problemas e situações diagnosticada em relação aos comportamentos agressivos. A ideia é que através dessas imagens simples, possamos visualizar dados comportamentais das crianças da turma de 2º e 3º ano das séries iniciais.

Com as informações obtidas através da coleta de dados, dois grupos foram formados e divididos através do gênero, o quadro 3 apresentam-se os resultados dos meninos, o quadro 4 os resultados das meninas. Desta forma, foi possível agregar conhecimentos com que viesse favorecer as análises das mesmas, atendendo os objetivos propostos no foco da pesquisa relacionado ao comportamento agressividade em sala de aula.

COLETA DOS DADOS DE 47 MENINOS PARTICIPANTE DA PESQUISA		
Questões	Participantes	Porcentagem
Quantas crianças conhecem as regras de convivência?	47	100%
Quantos participaram de cenas de agressividade como agressor?	23	10,8 %
Quantos participaram de cenas de agressividade como vítima?	15	7,05 %
Quantos consideram apelidos e chacotas como agressividade verbal?	7	3,29 %

Quadro 3: Análise comportamental dos meninos.

Fonte: Educandário Alegria de Saber. (Dados referentes ao ano de 2013).

COLETA DOS DADOS DE 45 MENINAS PARTICIPANTE DA PESQUISA		
Questões	Participantes	Porcentagem
Quantas crianças conhecem as regras de convivência?	45	100%
Quantas participaram de cenas de agressividade como agressor?	12	5,4 %
Quantas participaram de cenas de agressividade como vítima?	21	9,45 %
Quantas consideram apelidos e chacotas como agressividade verbal?	2	0,9 %

Quadro 4: Análise comportamental das meninas.

Fonte: Educandário Alegria de Saber. (Dados referentes ao ano de 2013).

Relacionando aos quadros 3 e 4 percebemos que todas as crianças conhecem as regras de convivência, embora não seja aplicada diariamente e assim estabilizando a socialização e respeito mútuo, meninas e meninos participam de cenas agressivas como vítimas ou agressor. Shaffer (2005) afirma que as diferenças nas manifestações agressivas entre meninos e meninas se dão por força da cultura, que impõe padrões de comportamentos que devem ser seguidos pelos grupos. Percebemos que o grupo dos meninos tende a utilizar o poder da força física, das formações recebidas na família quando os pais dizem “você é menino não pode chorar”.

Ainda considerando os dados dos quadros 3 e 4, temos noção de que tanto os meninos, quanto as meninas dizem conhecerem as regras de convivência harmoniosa, as meninas dizem utilizar as regras em todos os ambientes sociais. Mas elas participam de cenas como agressora, quando dizem utilizar apelidos pejorativos, piadas ofensivas, zoação e chacotas com os colegas, porém elas não consideram tais ações como agressividade verbal acha apenas que é uma brincadeira chata, de mau gosto, sem propósito e que não machucam, apenas irrita, depois tudo fica bem.

Segundo Damásio (1996), no estado de raiva há o impulso para a ação vigorosa e o que provoca essa emoção pode ser a inveja, respeito mútuo e o não

respeitar as regras. Quando a criança diz que a agressão verbal não tem intensidade é justamente porque ela não consegue classificar ou entender a gravidade que o comportamento agressivo pode acarretar futuramente na mesma, isso se dar pela docilidade que é proveniente da infância.

FORMA DE AGRESSÃO	ALVO / PORCENTAGEM			
	F	%	M	%
Empurrar	10	4,50	8	3,70
Ameaçar	3	1,35	9	4,23
Bater	5	2,25	13	6,11
Mentir	8	3,60	4	1,88
Excluir alguém	2	0,90	0	-
Fazer fofocas / intrigas	3	1,35	3	1,41
Humilhar	9	4,05	10	4,70
Não quis responder	5	2,25	0	-

Quadro 5: Forma de agressão utilizada e citada pelas crianças.

Fonte: Educandário Alegria de Saber. (Dados referentes ao ano de 2013).

As porcentagens da tabela acima foram tomadas a partir do total de meninas e do total de meninos participantes do estudo de observação, relacionando os tipos de agressões que eles indicam como preferidos.

Mediante a pesquisa de observação e coleta de dados, percebemos que as meninas agredem de forma indireta, utilizando de agressão verbal e moral, como empurrar, ameaçar, mentir, humilhar; por considerar menos evasiva, também se omite em assumir o comportamento agressivo, quando se negam a responder a questão participativa.

É através de comportamento agressivo que a criança almeja estabelecer a confiabilidade com o ambiente, na verdade, ela está desejando ser vista e valorizada. Winnicott (1999) diz que, “sem esse domínio firme, uma criança é incapaz de descobrir o impulso, e só o impulso que é encontrado e assimilado é passível de autocontrole e socialização”. Nesse sentido quando a criança descobre o impulso, ela está buscando um domínio firme de suas ações; ao

descobrir sua atuação errônea poderá ser capaz de fortalecer o seu autocontrole; pois testando o seu meio está analisando a si mesma e até onde vai seu poder de indestrutibilidade.

Os meninos enquanto participantes da pesquisa são declarantes na atuação da agressividade física, quando destaca que utiliza bater e empurrar como prática rotineira. Nas resoluções dos problemas seguem com ameaças verbais como humilhação e xingamento, apesar das atitudes citadas acima eles não costumam excluir os colegas, nem fugir dos questionamentos realizados na observação.

MOTIVOS PELO QUAL AGRIDEM	ALVO / PORCENTAGEM			
	F	%	M	%
Vingança	5	2,25	10	4,70
Defesa de outros colegas	7	3,15	13	6,11
Desprezo	1	0,45	3	1,41
Brincadeiras	10	4,50	6	2,82
Reação à provocações	11	4,95	9	4,23
Irritação	4	1,80	6	2,82
Não quis responder	5	2,25	0	-

Quadro 6: Motivos que afloram a agressão.

Fonte: Educandário Alegria de Saber. (Dados referentes ao ano de 2013).

Observando o Quadro 6 dos “motivos pelo qual as crianças agridem”, percebemos que geralmente meninos e meninas agridem praticamente pelos mesmo motivos. Sendo que elas costumam agredir quando são provocadas, irritadas ou até por brincadeira mal interpretada. Já os meninos em sua maioria dizem agredir motivados por vingança e defesa de agressões anteriores, reações a provocações.

Winnicott (2000) afirma que, “as crianças sempre negam o que fizeram quando são interrogados, pois tem dificuldades de reconhecer certas atitudes como suas”. Portanto, é necessário perceber que independente do motivo que possa transparecer, o fato é que a criança quer chamar atenção para algo ou alguém, que é ela como pessoa carente de amor e que não está sendo notada como desejaria. Vale lembrar que quando a criança diz que está revidando a uma

agressão sofrida anteriormente, ela foi a princípio uma vítima, que agora está agindo como agressor.

Quanto aos motivos encadeados como provocativo dos comportamentos agressivos, percebemos que algumas atitudes são provocadas de forma simbólica, e passa despercebida, mesmo que se esteja atento como observador, pois às vezes é apenas um mexer das sobrelhas, o arrastar do sapato no chão, o pé que se coloca na cadeira da frente, entre outras pequenas atitudes que provoca na outra criança uma afronta, gerando no agressor o desejo de se provocar sem que seja percebido claramente. No gráfico abaixo apresenta um parecer das professoras pesquisadas.

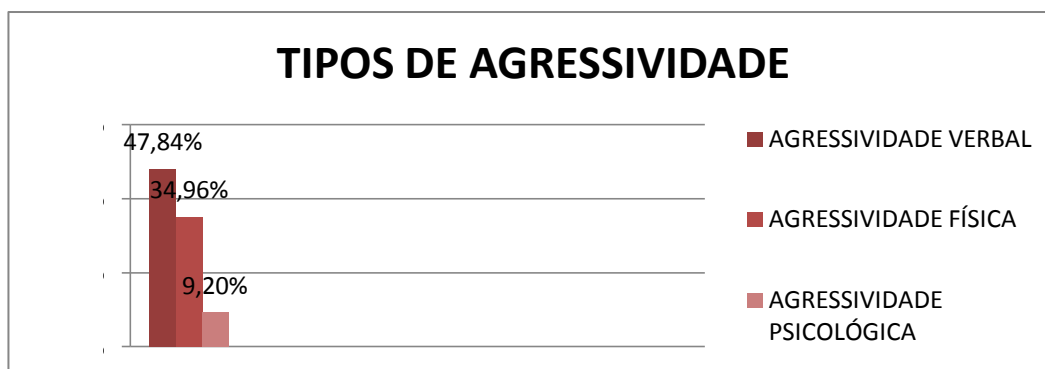


GRÁFICO I: Agressividades mais frequentes nas salas de aula mediante as professoras pesquisadas.

Fonte: Baseado em 4 professoras participantes da pesquisa.

As quatro professoras pesquisadas afirmam que quase 50% das agressões ocorridas nas salas de aula são verbais, estão relacionados aos apelidos pejorativos, insultos, ofensas, gozações e piadas ofensivas. Em segundo lugar a agressividade física que também é muito presente nas salas das professoras pesquisadas, pode-se perceber que chega a atingir mais de 30% e se apresentam através de tapas, chutes, empurrões, espancamento, beliscão.

Um pequeno número apresenta as atitudes de agressões psicológicas, que se apresentam através de humilhação, ridicularização, irritação, isolamento, desprezo, fofocas ou chantagem. Por outras vezes, passa-se bilhetes com desenhos de caráter ofensivos, como imagens de crianças obesas, com o corpo de baleia, tonel, criança baixinha e outra criança sentada na cabeça dela. Criança negra com cabelo feito de esponja de aço, também é um tipo de provocação bem

frequente na sala de aula, pois a criança que desenhou faz esse desenho percorrer toda a sala, enquanto os demais alunos riem, apontam e continuam a passar o desenho para as crianças do grupo (agressores).

Mesmo sabendo que a agressividade é inerente ao ser humano e apresenta-se como forma de defesa, as professoras relatam que há situações ocorridas no ambiente escolar que merecem um olhar minucioso e uma interpretação relativa ao fato. Prodocimo (2009), diz que “um ato é sempre simbólico e possível de diversas interpretações”. Às vezes, a criança dá um empurrão (ação que não é natural) e diz que foi sem querer, não viu e não foi proposital.

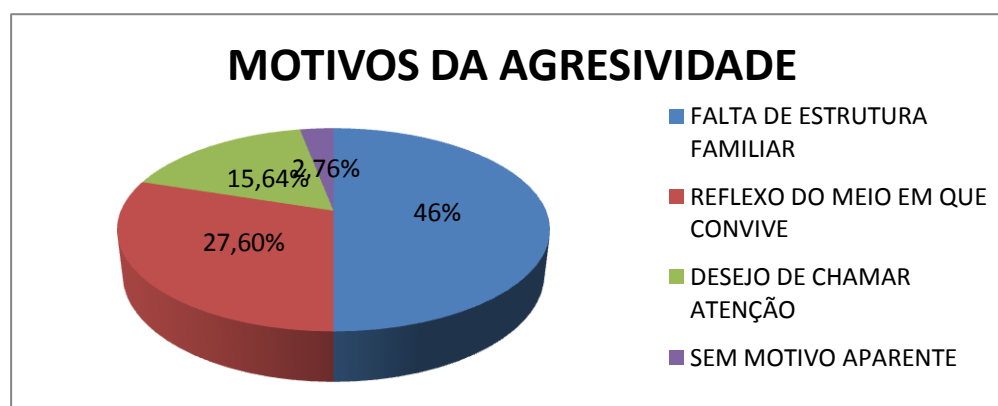


GRÁFICO II: Motivos de agressividades das crianças na teoria dos professores entrevistados.

Fonte: Baseado em 4 professoras participantes da pesquisa.

No gráfico II, são apontados pelas professoras interrogadas os motivos das agressividades dos seus alunos, despontando com 46% a falta de estrutura familiar como um dos maiores motivos que refletem a agressividade nas salas de aula. Nesse sentido aparece a separação dos pais, a falta de diálogo dos pais com os filhos, sobrecargas de atividades e estresses dos pais e familiares, dificuldades financeiras, desemprego, entre outros. Outra parte bem significativa foi indicada com 27,60%, essa porcentagem está relacionada às crianças como produtos do meio. Pais e vizinhança que dialogam com agressividade verbal e física refletem nas crianças o desejo de expressar essas ações agressivas.

Meneghel, Giugliani e Falceto (1998) afirmam:

O comportamento agressivo dos adolescentes certamente está articulado com as múltiplas formas de violência, explícitas ou não, que

eles vivem no âmbito da família, da escola e de outras instituições da sociedade, muitas das quais com a função precípua de protegê-los.

Sobre essa preocupação os professores precisam investigar a vida de cada criança, conhecer suas origens para que possa compreender e trabalhar os desafios apresentados na sala de aula. Desta forma, o professor estará buscando soluções relacionadas às cenas agressivas vivenciadas no convívio social da criança, descobrindo o desejo que as mesmas têm de chamar atenção e o porquê que algumas demonstram suas carências de forma agressiva, com irritabilidade, grosseria e/ou falta de limites.

Segundo Gonçalves (2005):

“a reação de agressão e falta de limites, nos diferentes graus em que se apresenta, torna-se um pedido de socorro da criança aos seus pais. Porque ao chamar atenção para o seu comportamento, ela faz com que, pelo menos naquele momento, os outros problemas que estão acontecendo sejam esquecidos, ou deixados de lado.”

Quando a criança reflete alteração no comportamento ela está querendo falar de forma direta ou indireta; conhecer a criança é conhecer sua vida. É necessário para facilitar a compreensão de atitudes comportamentais que às vezes acontece, por situações simples e que causa uma enorme mudança na vida da criança. Como exemplos pode-se citar: uma mudança de escola, dificuldades financeiras, chegada de um irmãozinho, daí ela está enfrentando um sofrimento desnecessário e que reflete no contexto em que ela vivencia com mais liberdade de expressão.

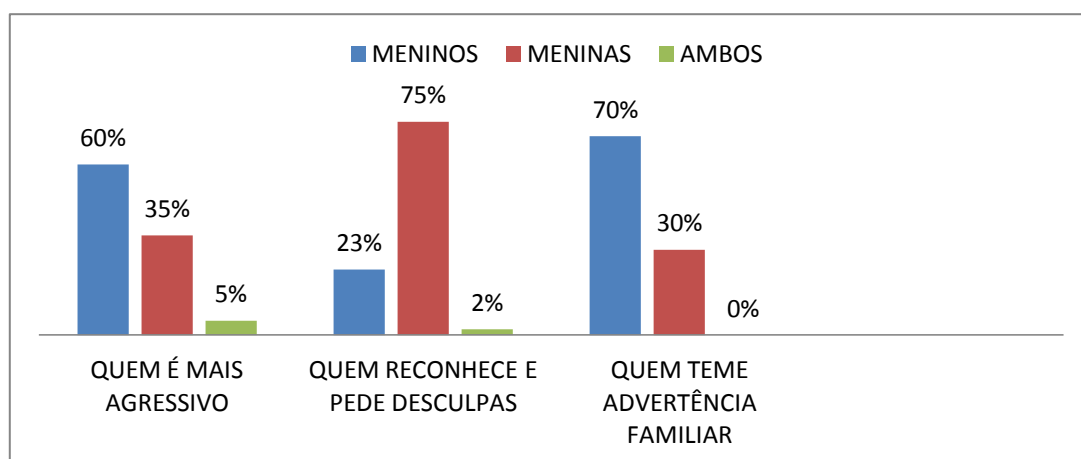


GRÁFICO III: Qual a participação das crianças nas cenas de agressividade de acordo com a observação das professoras?

Fonte: Baseado em 4 professoras participantes da pesquisa.

Geralmente os meninos são apontados como os que provocam e praticam mais atos agressivos na sala de aula, tanto de forma verbal como física, porém não gostam na mesma proporção de pedir desculpas, as meninas apresentam-se com mais sensibilidade em reconhecer e pedir desculpas sinceras.

Segundo Auad (2006),

“as diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais. As meninas aparentam meiguice ou meninos que falam aos gritos são resultantes do modo como às relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo.”

Os comportamentos agressivos são relevantes, quando se reconhece, se arrepende e procura resolvê-los sutilmente, nesse aspecto NOLTE e HARRIS (2009), fala que: “um pedido verdadeiro de desculpas supõe assumir responsabilidade e demonstrar um arrependimento genuíno, assim como a intenção de agir melhor no futuro”.

Winnicott(1999), “faz um alerta para o perigo que há quando ocorre uma falha excessiva (indiferença, repressão, castigo) e a criança não tem no que se apoiar, para vislumbrar um futuro melhor”. Nesse aspecto, podemos temer a violência expressiva daquele que foi retirado, a sua experiência subjetiva, pois ele certamente não será responsável pelos atos de violência subsequentes.

Daí a importância do professor mediar os conflitos evitando que o pedido de desculpas seja oferecido de maneira descuidada ou petulante e venha gerar um novo conflito, problemas como esses que são frequentes nas salas das professoras que colaboraram para a pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão de curso tem a intenção de compreender os tipos de comportamentos agressivos que mais ocorrem nas salas de aula, bem como os motivos que têm aflorado essa conduta nas crianças.

Compreendendo que a agressividade é inerente ao ser humano, é um processo amplo e complexo, nesse contexto esta pesquisa almeja compreender e apontar possíveis caminhos para a superação deste problema presente na sala de aula, partilhando um olhar que desmistifique o que é agressividade, e o que é violência. Costa (2003) afirma que “violência e agressividade não são sinônimos”.

A agressividade é, portanto um comportamento emocional que faz parte da afetividade de todo ser humano, por isso devemos compreendê-lo como algo natural, a preocupação está no desvio desses sentimentos (mágoa, insegurança, medo) que geralmente a criança não sabe conduzir e expressa através de atos agressivos. Portanto precisamos compreender que não há crianças agressivas, a criança comete ato agressivo por um impulso, ela não é constantemente agressiva.

Enquanto que a violência segundo Costa (2003) “é um ato disruptivo, tem intenção de machucar, nasce de uma agressividade”. Logo, do instinto agressivo pode gerar a violência, que é utilizada para controlar, dominar, machucar, ferir. Esse comportamento deve ser evitado, pois ela busca destruir a identidade da pessoa.

A agressividade geralmente é utilizada para defendermos de ataques externos, ou impedir a invasão de nosso espaço, não podemos prescindir da agressividade, pois sem ela não sobrevivermos ou não amaduremos.

Para tal, buscamos agregar subsídios dos estudos teóricos de Winnicott, cuja contribuição é fundamental para os educadores refletirem sobre os desafios e conflitos ligados à agressividade e indisciplina que se apresenta nos ambientes sociais e também nas salas de aula.

Essa preocupação parte não só dos professores, direção, mas também da família, percebemos que há necessidade de trabalhar com as crianças esse comportamento agressivo. É preciso que haja interação entre todos os envolvidos

e o professor é um agente de interação que observa e diagnostica a carência emocional, sofrimento e necessidade que a criança tem de ser presenciada.

Sabendo-se que é necessário compreender os fatores emocionais e ambientais que envolvem o comportamento agressivo, não podemos esquecer os graus de agressividade em que ocorrem, já que mesmo se tratando de criança percebemos algumas ações como presença de preconceitos, brincadeiras com gozações, apelidos pejorativos, ameaças, insultos, fofocas, humilhação, espancamento, explosões com agressividade física, etc.

Pais e professores devem trabalhar em parceria e antes de tudo, ser o referencial para que a criança identifique nos ambientes sociais: casa e escola, um lugar harmonioso, equilibrado e amoroso; mesmo que apresentando dificuldade de socialização, a criança precisa ser vista como tal (uma criança) que está em formação, portanto precisa de orientações que deve ser mediada pela família e pela escola.

Através das observações percebeu-se que infelizmente a família ainda não interage no ambiente escolar de forma construtiva, e essa ausência e falta de disponibilidade em interagir com a vida educacional da criança tem deixado evidente os reflexos negativos refletidos no comportamento da criança.

Educar e cuidar de uma criança não é nada fácil, e nesse aspecto fica claro que a criança pode até criar, participar e envolver-se em conflitos de agressões verbal ou física, de forma ativa ou passiva; algumas vezes até cometer atos inflacionais mais o desejo dela é sempre que alguém perceba a sua existência. O desejo de ser notada, amada, elogiada, a carência de um porto seguro que lhe denote paciência, amor, equilíbrio, mesmo em meio aos irmãos ou os colegas de sala são comuns a toda criança. Desta forma, a criança precisa ter espaço para brincar, falar, participar com opiniões e assim aprender, consequentemente ela estará amadurecendo suas aprendizagens no campo social.

Apontar a dimensão e a relevância das experiências vivenciadas no contexto escolar partilhada pelos pais, professores e alunos de forma simplista, pode banalizar ou omitir significativas contribuições. No entanto, o presente trabalho de pesquisa empírica não tem pretensão de esgotar ou finalizar a discussão sobre o tema, mas de contribuir no que se refere ao desenvolvimento

socioeducativo da criança, por isso percebemos que haja uma maior abrangência sobre essa temática pesquisada. Considerando as regras que amplia essa fase da vida humana, sendo a escola um ambiente ambivalente no sentido de que de um lado precisamos: educar, amar, cuidar e do outro lado precisamos corrigir sem oprimir, valorizando o direito de socialização que almejamos ser mais presente no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS:

- Abreu, M. V. (1998). **Cinco ensaios sobre a motivação**. Coimbra: Almedina.
- AUAD, D. **Educar meninas e meninos: Relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BALLONE, G. J. MOURA, E. C. **Transtornos Emocionais na Escola**. Parte 1 in. PsiqWeb: 2008.
- Bardin, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1998.
- BRANCALHONE, Patrícia Georgia. **Crianças Expostas à Violência Conjugal: Avaliação do Desempenho Acadêmico**. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa* 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 113-117.
- CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Desejo e lei: A escola como espaço de convivência**. João Pessoa: Ed. Universitária. UFPB. 2007. P. 166.
- CAVALCANTE, Meire. **Como lidar com “brincadeiras” que machucam a alma**. *Revista Nova Escola*. São Paulo, n. 178, p. 58 -61, dez. 2004.
- CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- COSTA, JF. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal; 2003.
- CRUZ NETO, Otávio, **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: DESLANDES, S. F.: CRUZ NETO, O.: GOMES, R.:MINAYO, M. C. de S (Orgs.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 51 -66 2002.
- DAMASIO, A.R. **O Erro de descartes. Emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996
- DAVIS, G. **Management information systems**. London, McGraw – Hill, 1989.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**. Lei Federal n. 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF. Presidência da República. 1990.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.
- FERNANDES. Christiane D'Angelo; SOUZA. Maria Fernanda. **Na escola: como lidar com comportamentos agressivos?** Portal Prómenino. 2008.

FERNANDES, J.V. **Globalização excludente indisciplina e violência na escola**. 2001.

FERRARIL, Ilka Franco. **Agressividade e violência**. Revista Psicanálise Clínica. Rio de Janeiro, vol. 18, nº 32, p. 49. 62, 2006

FREIRE, J. B. **Da escola para a vida**. In: VENÂNCIO, S; FREIRE, J. B. (orgs.) O jogo dentro e fora da escola. Campinas, SP: Autores associados, 2005, p. 3-26.

FREUD, S. (1930 [1929]). **O mal-estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____ (1996)O mal-estar na civilização. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XXI.

FERRARIL, Ilka Franco. **Agressividade e violência**. Revista Psicanálise Clínica. Rio de Janeiro, vol. 18, nº 32, p. 49. 62, 2006

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 67 – 79.

GONÇALVES, M. A. S. **Violência na escola, práticas educativas e formação do professor**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 635-658, set./dez. 2005.

GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da Educação**: fundamentos, aplicações a pratica pedagógica. 7. ed. Petrópolis / RJ: Vozes, 2000.

GUIMARÃES, N.M., PASIAN, S.R. **Agressividade e Adolescência**: experiência e expressão da raiva. Psicologia em Estudo, Maringá, v.11, n.1, p.89-97, jan./abr. 2006.

KLEIN, Melanie. **A técnica psicanalítica através do brincar**: sua história e significado. In: _____. Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 149-168. (Obras Completas de Melanie Klein, v. 3)

Lacan, J. **Formulações sobre a causalidade psíquica**. Em Escritos (pp. 152-194). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 199.1946.

LEITE, S.A.S. **Agressividade**. 2 ed. São Paulo: Edicion, 1987. P. 147 – 170.

LISBOA, A.M.J. **A Primeira Infância e as raízes da Violência**. Brasília: LGE Editora, 2006.

LOCATELLI, Cristina. **Agressividade Infantil**: relax e reprogramação emocional para crianças: um guia para pais, educadores, professores e futuros pais. São Paulo: M. C. S. C. Locatelli, 2. ed. Sucesso, 2004

LUIZZI, L. **Prevenção de comportamentos agressivos entre pré-escolares** : uma proposta de capacitação para professores. 2006. 127f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2006.

MACHADO, Dulce V. M. **Meu Filho é Agressivo**: O que preciso saber a respeito da agressividade Infantil. São Paulo- SP: Almed, 1981.

MALDONADO, D.P.A., WILLIAMS, L.C.A. **O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.10, n.3, 353-362, set/dez. 2005.

MARCELLI, Daniel. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1988

MARCELOS, Viviane Avelino. **A violência na escola**. Brasil Escola. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/sociologia/violencia-escolar.htm>. Publicado em 2011.

MAUÉS, Dênio. **Campeões de Audiência**. Revista Educação. Editora Segmento. V. 26. n. 228, p. 22-25, abril 2000.

Meneghel SN, Giugliane EJ, Falceto O. **Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência**. Cad Saúde Pública 1998; 14(2):327-335

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 51-66

NOLTE, Dorothy Law. HARRIS, Rachel. **As crianças aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro. Editora Sextante, 2009.

ORMEÑO, G.I.R. **Intervenção com crianças pré-escolares agressivas**: suporte à escola e à família em ambiente natural. 2004. 88f. Dissertação (Mestrado),

PASSOS. B.C. L. **Problemas de Comportamento Infantil**: Relações com Vínculo e Afeto na Primeira Infância. Salvador: 2006.

PATTERSON, G.R. **Coercive family processes**. Eugene, O.R.: Castalia, 1982.

PAULA, G.R; BEBER, B. C; BAGGIO, S.B. PETRY, T. **Psicologia da Aprendizagem**. Revista Psicopedagogia. Vol. 23 nº. 72. Rio Grande do Sul: 2006

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2004.

PRODÓCIMO, E. **Um olhar sobre o bullying: reflexões a partir da cultura.** Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE (recurso eletrônico): Políticas e Práticas Educativas: desafios da Aprendizagem; Anais do III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba: Champagnat, 2009.

RUFINO, Z.L.D. **O Cotidiano escolar e a agressividade.** 2006. 24f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF). Americana, SP, 2006.

SANTOS, M. R. (2004). **Violência(s) na escola.** *Psycologica*, 36, 163-174.

SHAFFER, David R.. **Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

SILVA, A.T.B.; DEL PRETTE, A. **Problemas de comportamento:** um panorama da área. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva.* ABPMC – Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, São Paulo, v.5, n.2, p. 91-103, julho/dez, 2003.

STORR, A. **A agressão humana.** In:_____. A agressão no desenvolvimento da infância. Traduzindo da 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, p.54-65.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo, Editora Gente, 1996.

WINNICOTT, Donald W. **Privação e delinquência.** In: *Natureza e origens da tendência anti-social.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. P. 89 - 127.

_____. (2000). **A tendência anti-social.** Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro, p. 406-416

_____. (1999). **Raízes da agressão.** Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes; p.102-110.

_____. (1999). **A juventude não dormirá.** Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes; p.177-182.

_____. (1982). **O desenvolvimento da capacidade de se preocupar.** In: Winnicott. DD. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas; p.70-78.

APÊNDICE A - Questionário para os professores:

Este questionário tem como objetivo, apresentar subsídios para a pesquisa de Campo do Trabalho de Conclusão de Curso.

II – PERFIL DO PROFESSOR:

- a) Nome: _____
- b) Idade: _____
- c) Formação Profissional: _____
- d) Quanto tempo exerce a função de docente: _____
- e) Quantos períodos você leciona? _____
- f) Em que turma você está lecionando?
- () 2º ano () 3º ano
- g) Participa de cursos e treinamentos na área educacional?
- () Sim () Não () às vezes
- h) Você gosta dessa profissão?
- () Sim () Não () já não gosto, o quanto antes.

II – RELACIONADO AO TEMA:

- a) As crianças conhecem as regras de boa convivência? De que forma ela tem sido utilizada?

- b) As crianças reconhecem quando erram e pedem desculpas sem a sua intervenção?

- c) Em que momento mais ocorre mais atos de agressões entre os alunos?

- d) Quais os tipos de agressividades mais frequentes na sua sala de aula?

e) O que você destaca como motivação, para o comportamento agressivo de uma criança para com outra em sala de aula?

f) A seu parecer quem é mais violento, menino ou menina? Como você identifica essa afirmativa?

g) O que você costuma fazer quando percebe ou recebe reclamação de uma criança que foi agredida?

h) Você já havia se preocupado com essas atitudes agressivas, ocorridas na sala de aula? Se positivo, comente o que você tinha feito para reverter essa atitude.

Obrigada! Por ter participado da pesquisa.

“Bons profissionais fazem o que podem para reparar um acidente, profissionais brilhantes fazem o que podem para evitar que eles ocorram. Os novos tempos exigem uma liderança especializada em prevenir crises e não em corrigi-las.”

Augusto Cury

APÊNDICE B – Questionário para as crianças.

a) Quais são as regras de boa convivência que você conhece?

b) Qual a palavra mágica necessária para que alguém nos devolva algo que queremos no momento?

c) O que mais te aborrece, te irrita e te faz bater no colega?

d) É correto revidar uma agressão? E porque isso acontece?

e) O que devemos fazer quando alguém nos agride?

f) Você comunica a professora quando é vítima ou presencia algum ato de agressividade?

g) Como a escola e a direção escolar interagem nas cenas de conflitos?

h) Como um amigo deve ser?

“Plante sementes e espere que os anos passem. Esse é o único investimento em que jamais se perde sempre se ganha.”

Augusto Cury

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Título do Projeto: AGRESSIVIDADE REFLEXO E CONSEQUÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Prezado (a) Senhor (a),

Sou pesquisadora do Curso de Pedagogia e pretendemos realizar um estudo cujo objetivo é observar e analisar os comportamentos de agressividade que ocorrem nas salas de aula nas turmas de 2º e 3º ano, avaliando os reflexos e consequências nos envolvidos com as atitudes agressivas. Os procedimentos adotados serão a realização de observação das aulas nas respectivas salas citadas, aplicação de questionário com os educadores responsáveis pelas referidas turmas e os alunos. Assim, gostaríamos da sua participação no que diz respeito à aceitação e contribuição na execução proposta para o trabalho. A pesquisa não oferecerá riscos ou prejuízos, pois manteremos sigilo das informações, que contribuirá para um maior conhecimento do assunto relacionado à área de Educação. Informamos, ainda, que a participação é voluntária, portanto, o participante não receberá pagamento para isso e lhe é garantido o direito de desistir da pesquisa, em qualquer tempo, sem que essa decisão o prejudique. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Caso o (a) Senhor (a) consinta, será necessário assinar esse termo. Solicitamos o seu consentimento também para publicar e divulgar os resultados, e o seu anonimato será preservado nos veículos científicos e/ou de divulgação (jornais, revistas, congressos, dentre outros), que as pesquisadoras acharem convenientes. Esperamos contar com seu apoio e, desde, já agradecemos por sua colaboração.

Pesquisadora responsável (Orientadora): Prof.^a Danielle Menezes de Oliveira

Pesquisador acadêmico responsável: Josilene dos Anjos Santos

Contato com o (a) pesquisador (a) responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre a pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora Danielle Menezes de Oliveira, e-mail: dmo.danimenezes@gmail.com, (83) 8801-3915. Após ter sido informado (a) sobre a pesquisa, consinto em participar dela.

Pesquisador

Participante voluntário

João Pessoa, ____/____/____

APÊNDICE D

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

João Pessoa, ____ de _____ de 2013.

Ilustríssimo (a) Senhor (a)

Eu, Josilene dos Anjos Santos, aluna concluinte do curso de Pedagogia, venho pelo presente, solicitar sua autorização para realizar nesta conceituada instituição, Educandário Alegria de Saber, o trabalho de conclusão de curso, sob o título **AGRESSIVIDADE: REFLEXO E CONSEQUÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR**, orientada pela Professora Danielle Menezes de Oliveira. Esse projeto tem como objetivo observar os comportamentos de agressividade que ocorrem nas salas de aula nas turmas de 2º e 3º ano, avaliando os reflexos e consequências nos envolvidos com as atitudes agressivas. A qualquer momento, o/a Senhor/a poderá solicitar esclarecimento sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá retirar sua autorização. Os dados obtidos serão utilizados na publicação de artigos científicos, e assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição, como nome, endereço, imagem e outras informações pessoais, que não serão, sob nenhuma hipótese, publicadas.

Responsável pela Instituição

Documento em duas vias:

1ª via instituição

2ª via pesquisador

